

LUÍS DE ALBUQUERQUE

FILHO de FRANCISCO DE ALBUQUERQUE DE CASTRO, "Fidalgo da Casa Real", era LUÍS DE ALBUQUERQUE DE MELO PEREIRA E CÁCERES ajudante de ordens do marechal MAC LEAN, governador da praça de Almeida, onde não lhe faltaram merecidas honras, ao deixar o cenário em que lograra nomeada, como defensor da fronteira. Natural de Viseu, viera à vida a 21 de outubro de 1739. Com os galões de capitão, completara apenas a terceira década da existência, quando, inesperadamente chamado a Lisboa, aceitou a incumbência de governar a capitania de Mato Grosso, cuja existência autônoma não alcançara ainda um quartel de século. Iria renunciar à glória militar, que já o distinguia, para se encarregar de tarefa mais árdua, nas circunstâncias em que deveria atuar, distante da Metrópole e dos recursos exigidos por grandes empreendimentos. Preparara-se em Coimbra para qualquer eventualidade, como evidenciou ao conhecer Guanabara, ao sair dezembro de 1771.

Organizada a sua comitiva com 56 pessoas, que se utilizariam de 109 animais de montada e cargueiros, penetrou na hinterlândia, preferindo a via fluvial dos bandeirantes, roteada pelos antecessores. Partiu a 17 de maio, olhos atentos para observar as paisagens, tão diferentes das de Portugal. Varou Matias Barbosa, Vila Rica e Vila Boa, Cuiabá, onde passou o mês de outubro, a cuidar de providências administrativas. A arrancada final levou-o a Vila Bela, à margem do Guaporé, onde permaneceria por mais de três lustros de governo fecundo. Não será, todavia, por essa face, de administrador sagaz, que mereça figurar nesta galeria, consagrada aos que tenham contribuído para o progresso dos estudos geográficos no Brasil. Ninguém, entretanto, como o resolutivo capitão-general, tanto cooperou para lhes associar as atividades às iniciativas de governo.

A prova rompeu da viagem inicial, de que se causou o "mapa" respectivo, que apresentou o percurso, alongado de Guanabara ao Guaporé. Por sorte sua, já se preocupava em definir com clareza a linha fronteiriça, por meio de núcleos de povoadores, ancestrais de modernas cidades, quando Portugal e Espanha firmaram o Tratado de Limites de 1.º de outubro de 1777. Ao conhecer-lhe as cláusulas referentes a Mato Grosso, não titubeou o capitão-general em averbá-lo de falho e inexequível por contrariar os imperativos da geografia. A fronteira ajustada em Santo Ildefonso sulcaria o rio Paraguai, da barra do Corrientes à do Jauru, onde alcançaria o Guaporé, em reta, que atravessaria a região já pontilhada de estabelecimentos rurais luso-brasileiros. Afagurou-se-lhe impraticável, desde a primeira leitura, como assinalou a sua correspondência com o ministro MARTINHO DE MELO. E para reforço das argumentações expostas a 30 de novembro de 1778 e 9 de junho seguinte, anexou à carta de 10 de agosto de 80 um mapa de Mato Grosso, em que traçou a lindeira de sua preferência, da boca do Jauru para o sul, a oeste do rio Paraguai, até o presídio de Nova Coimbra.

Elaborou, a propósito, a "Idéia Geral das Fronteiras", que ofereceu à Rainha, para defender os direitos de Portugal à navegação do Paraguai, que deveria ser privativa dos portugueses, a montante da barra do Corrientes, como também a do Guaporé.

As suas concepções de sagaz geopolítico manifestam-se de tal maneira avançadas que, impugnadas na ocasião, ou adormecidas nas chancelarias, foram em grande parte endossadas um século depois, quando se formaram os limites entre o Brasil e as Repúblicas vizinhas, herdeiras dos direitos da Espanha.

Para sustentá-las, mobilizou todos os recursos de que dispunha. Incumbido de chefiar os trabalhos demarcatórios em Mato Grosso, não se restringiu a aguardar a oportunidade de efetuá-lo em companhia dos colegas espanhóis. Certo, convidou-os insistentemente à execução da tarefa comum. Enquanto os espera, porém, cuida de reforçar a sua argumentação, garantidora da segurança do domínio português. E parecia-lhe que o melhor apoio deveria derivar da geografia, na qual lhe avultava a superioridade, em cotejo com os contendores, a quem eram desconhecidas as peculiaridades regionais. Alegrou-se, por isso, com a chegada dos técnicos, incumbidos das demarcações, especialmente de LACERDA E ALMEIDA e SILVA PONTES, ambos astrônomos e brasileiros; RICARDO FRANCO e J. J. FERREIRA, militares com prática de engenharia, portugueses. Daqueles, diria o ministro MARTINHO DE MELO, que os nomeara: "são doutores na Universidade de Coimbra, escolhidos entre os melhores e nesta Córte tiveram contínuo exercício e prática da sua profissão debaixo da inspeção do doutor CIERA".

Todos os quatro expedicionários colaboraram no levantamento do Madeira e Guaporé, ultimado em fevereiro de 1782. Assim que se restabeleceram das doenças contraídas na viagem, e enquanto não apareciam os espanhóis, incumbiu-os LUÍS DE ALBUQUERQUE de explorações, que esclareceriam dúvidas geográficas, embora nem sempre se relacionassem diretamente com a fixação das fronteiras. Destarte, já em 1783, LACERDA E ALMEIDA sulca o Baures e seus tributários, o rio Branco, o Maxupo e o Itonamas, afluentes da margem esquerda do Guaporé, em território castelhano isento de contestação, em minucioso reconhecimento, enquanto SILVA PONTES sobe o Guaporé, passa por Santa Bárbara, em busca das nascentes do Agupé e Alegre. Em companhia do capitão-general, marinha pela serra do Grão Pará, atualmente de Ricardo Franco, fronteira a Vila Bela, e alonga as suas caminhadas até as regiões dos Barbados, em plena faixa fronteiriça. Aí permaneceu J. J. FERREIRA, encarregado da fundação de Casalvasco, para assinalar a posse lusitana de maneira incontestável, ao passo que RICARDO FRANCO, entre duas excursões, voltava à prancheta, para desenhar mapas, por determinação do governador, que o qualificou de "oficial hábil e bastante inteligente na matéria". Assim opinava, por lhe acompanhar de perto a utilização de recentes explorações, para aperfeiçoar a representação cartográfica da região perlustrada pelos astrônomos e seus auxiliares.

Forcejava destarte por ter imagem tão exata quanto possível do terreno, com os acidentes mais expressivos, para melhor apoiar os seus projetos geopolíticos. Evidenciou-os sem rebuços ao promover indagações geográficas, além do âmbito que lhe fôra atribuído, como chefe da Terceira Divisão. Pôsto não lhe competisse providenciar a respeito das demarcações a jusante da boca do Jauru, confiadas à Segunda, houve por bem empreender a exploração

do rio Paraguai, cujo desconhecimento fôra causa da fixação do forte de Nova Coimbra na situação em que se enraizou, em vez de se erguer no Fecho dos Morros, como estipulara ao comandante da diligência povoadora. Com as viagens freqüentes ao baluarte raiano, tornou-se conhecido o rio, a respeito do qual, todavia, ainda corriam dúvidas perturbadoras.

Para esclarecê-las, decidiu "que os meses de abril, maio, junho, julho e agosto do presente ano se empreguem na miúda indagação e configuração do rio Paraguai, pois que constitui ponto dos mais essenciais e digno de exame desde para baixo do marco chamado do Jauru até pelo menos a notável paragem do Fecho dos Morros", como recomendou aos operadores de campo nas "Instruções" de 4 de abril de 1786. A relevância da tarefa, ao juízo do governador, punha-se de manifesto na organização da turma exploradora, que reuniu dois astrônomos de alto valor, como SILVA PONTES e LACERDA E ALMEIDA, o engenheiro militar RICARDO FRANCO, além de forte contingente de pedestres e dragões.

Diversamente, porém, do que ordenara o capitão-general, as chuvaradas retiveram os expedicionários em Vila Bela até findar o mês de abril. Somente no derradeiro dia, domingo, conseguiram sair de casa, para iniciar a longa peregrinação. Os efeitos dos aguaceiros contínuos patentearam-se a cada passo, embaraçando a marcha. Modesto ribeirão empaturrou-se de barro, que transformou o leito e margens alagadas em visgueto atoleiro, largo de 1/4 de légua. "As cargas se passaram na cabeça com grande fadiga, e com lama até o pescoco", registou RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA no "Diário da Diligência", cujo comando lhe coube. De tal maneira fôra a travessia, que se tornou necessária a parada no dia seguinte, na ponte do Guaporé, "para enxugar as cargas e fato". Tinham avançado apenas 14 léguas, e podiam assim prever os embaraços que se lhes deparariam. Só a 15 de maio tomaram as três canoas, que se achavam à sua disposição no Registro, à margem do Jauru. Rotearam-no, por trinta léguas, até o Marco, alcançado no dia 19. Daí por diante, o Paraguai avolumava-se, entumescido com as últimas chuvadas. A expansão da massa líquida Iaria LACERDA E ALMEIDA registar em seu "Diário", a 30 de maio. "Vimo-nos no meio de um pantanal tão grande que só víamos água e uns montes que iam buscando. O rio dificilmente se distinguia no meio deste oceano".

No dia 2 de junho, análoga observação: "Vimos um mar de águas, não se vendo em partes mais de que água e céu, com outras serras muito distantes".

Das privações que o molestaram se lembraria o astrônomo para gravar no seu "Diário de Vila Bela até a Cidade de São Paulo", de 1788. Por causa da companhia agradável sentiu saudades da peregrinação, "não obstante os muitos perigos, incômodos e trabalhos que tivemos principalmente na travessia do lago Xarais, ao S. e O. da Nova Coimbra, chegando a passar 7 dias com um pouco de farinha de milho e marmelada já ardida, que de São Paulo vem para todas as Minas para negócio, e isto aconteceu por não haver terra, onde se fizesse a comida, até que no fim de sete dias achamos um lugar seco, que nos pareceu a terra da promessa, onde fizemos alto, e passamos aquela noite abrigados em toldas da muita chuva que por cinco dias sucessivos tinha caído, aquecendo-nos às fogueiras por muito frio que fazia".

Nessa época, a inundação estendia-se de monte a monte, além do alcance da vista, submergindo os campos ribeirinhos, a tal ponto que "muitas noites nem lenha houve para fazer o comer", pela informação de RICARDO FRANCO. Mas, superando os contratemplos, os expedicionários periustraram o rio até Baía Negra, explorada minuciosamente e de regresso, chegaram a Cuiabá, a 1.º de setembro.

Por terra, terminaram o circuito, através de São Pedro d'El-Rei, Poconé atualmente, Vila Maria, (Cáceres), e afinal Vila Bela, que reviram a 2 de novembro. Seis meses gastaram-se na diligência, em que se "configuraram quase perto de 600 léguas de terreno", assinalou o "Diário". Retificaram tudo quanto havia de errôneo acerca do rio lindeiro, cuja margem o capitão-general precavidamente mandara ocupar, com o objetivo de manter-lhe a navegação para uso exclusivo dos portugueses, pelo menos de Coimbra para montante. Com análogos intuídos, erguera o forte do Príncipe da Beira à margem do Guaporé, a que se estendia o seu zelo administrativo. Embora censurado pelo marquês de POMBAL, que pretendia, em nome d'El-Rei, afastá-lo de "especulações matemáticas e de estudos abstratos, que não são de algum uso na administração dos negócios físicos, quais são todos os que pertencem ao governo político e militar de um estado, como esse que está confiado à direção de V.S.", não desprezou LUIS DE ALBUQUERQUE os seus pendores científicos. Ao revés, em matéria de cartografia, o mapa de sua viagem do Rio a Cuiabá e Vila Bela é o mais perfeito que até então representara os sertões interjacentes.

Mais tarde, auxiliado por ALMEIDA SERRA, enviou outro a Lisboa, "levantado com tôda a maior exatidão matemática que foi possível debaixo dos meus próprios olhos".

Mais de um, com as recentes correções derivadas de sucessivas explorações, patentearia a sua preocupação de representar da melhor maneira possível o território imenso, que sagazmente governava. Assim, conseguiu que extensa faixa raiana, distendida do forte de Coimbra ao do Príncipe da Beira, ou do paralelo 12º a 20º, figurasse na cartografia, mercê das atividades dos demarcadores, que chefiava e mobilizava, de acôrdo com os seus projetos geopolíticos.

Com análogos propósitos, fundou baluartes estremenhos, ancestrais de cidades da classe de Corumbá e Cáceres, além de redigir as "Instruções", para o sucessor, em que enfeixou as próprias idéias sobre as fronteiras mais convenientes a Mato Grosso.

Na ocasião, nenhum êxito colheu, impedido, como foi, pelo Tratado de 1777, que o surpreendeu e contrariou.

Mas, volvido um século de transformações políticas, na vizinhança e no mundo inteiro, o traçado que ideou, acorde com os ensinamentos da geografia, foi homologado, com ligeiras alterações, pelos plenipotenciários confinantes, que fixaram os limites, entre seus países e o Brasil, nas paragens mato-grossenses, a cujo engrandecimento LUIS DE ALBUQUERQUE se devotou, em longo período governativo. A posteridade aprovou-lhe, neste lance, as concepções, como também lhe enalteceu as demais contribuições para o adiantamento dos estudos geográficos.

VIRGILIO CORRÊA FILHO



Francisco Albuquerque de Mello Cerqueiraes